

# Posse de Escravos em São Paulo no Início do Século XIX\*

*Francisco Vidal Luna*

*Iraci del Nero da Costa\*\**

## Introdução

A restauração da autonomia administrativa da Capitania de São Paulo, em 1765, apresenta-se como marco para a história de São Paulo à medida que os sucessivos governadores, a contar do Morgado de Mateus (1765-1775), implementaram medidas de soerguimento da vida econômica da Capitania<sup>(1)</sup>. A prioridade, evidentemente, foi da

da à atividade agrícola, particularmente ao cultivo da cana e preparo do açúcar<sup>(2)</sup>. Dada a conjugação de fatores internos e externos, o açúcar revelou-se como produto capaz de dar suporte ao desenvolvimento da

---

(\*) Agradecemos a Horácio Gutiérrez Galardo, que leu a versão original deste estudo, as sugestões e críticas efetuadas. Nossos agradecimentos estendem-se ao Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo a cujo acervo pertencem os manuscritos dos quais nos servimos.

(\*\*) Da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

(1) Excusamo-nos, por fugir ao escopo deste artigo, de estabelecer a análise pormenorizada das medidas adotadas e do desempenho econômico da Capitania de São Paulo. Interessa-nos delinear, tão-somente, uma visão panorâmica das condições econômicas e sociais vigentes ao fim do século XVIII e no início do XIX.

---

(2) Conforme M.T.S. Petrone: "O Morgado de Mateus escreve, em 1768, que procurou levar os fazendeiros a cultivar o arroz e cana, mostrando as vantagens do açúcar paulista, pois, 'é mais barato, porque se fabrica em Engenhocas com pouco custo, sem as graves despesas dos Engenhos antigos'. Datam, portanto, do período do Morgado de Mateus, as primeiras tentativas de produção de açúcar destinado a exportação. As referências à exportação de açúcar tornam-se mais freqüentes com o correr do tempo. Como já foi visto, concorreram para que a ação do Morgado de Mateus fosse eficaz, condições internas e externas, que tornaram economicamente interessante a cultura da cana em São Paulo". PETRONE, M.T.S. *A lavoura canavieira em São Paulo, expansão e declínio (1765-1851)*. DIFEL, São Paulo, 1968, (Corpo e Alma do Brasil, 21), p. 14.

agricultura de exportação, a qual, até então, não se consolidara em São Paulo<sup>(3)</sup>.

Embora devamos pensar em uma economia relativamente pobre, deve-se ter presente a evidência de que, ao fim do século XVIII e início do XIX, a capitania mostrava claros sinais de uma vitalidade econômica com a qual jamais contara.

Tratava-se de uma sociedade essencialmente voltada para a agricultura e na qual os centros urbanos, bem como as atividades artesanais, representavam papel modesto. Além de dois produtos principais — açúcar e aguardente — os paulistas dedicavam-se ao cultivo do algodão, arroz, mandioca, milho, feijão, tabaco e, em escala ainda praticamente insignificante, à cultura do café.

Correlatamente ao impulso econômico observado em São Paulo no último quartel do século XVIII — na raiz do qual encontra-se o restabelecimento da produção açucareira —, deram-se importantes movimentos populacionais que envolveram tanto as pessoas — livres ou cativas — já residentes na co-

(3) Com respeito aos estímulos situados na órbita do comércio internacional cabe lembrar, para o século XVIII, o impacto sobre a produção de açúcar devido à Guerra de Independência norte-americana e à rebelião em São Domingos. Com respeito à Guerra de Independência remetemos o leitor ao trabalho clássico de Eric Williams — **Capitalismo e Escravidão**, Rio de Janeiro, Ed. Americana, 1975, p. 121 e seguintes. Relativamente à crise dominicana afirma A. B. Castro: "Se a conjugação de novas medidas com a alta dos preços derivada da Guerra de Independência dera margem a uma primeira reação expansiva, a rebelião dos escravos de São Domingos cria uma situação excepcionalmente favorável. O colapso da maior das colônias açucareiras restringe subitamente a oferta do produto, diante de uma demanda que vinha crescendo a largos passos: os preços sobem em flecha atingindo um elevado patamar onde se manterão durante a década dos 90" CASTRO, Antonio Barros de. **Escravos e Senhores nos Engenhos do Brasil**, Campinas, UNICAMP, mimeografado, 1976, p. 66.

lônia, como decorreram da entrada de novos escravos trazidos da África e dirigidos para as culturas em expansão<sup>(4)</sup>.

É este quadro de relativa euforia econômica e de significativos movimentos populacionais que caracteriza, para São Paulo, o início do século XIX; nele coloca-se o marco cronológico escolhido para o desenvolvimento deste trabalho: 1804. Verificaremos, para este ano, como se apresentava, em dez localidades paulistas, a estrutura de posse de escravos; a qual, definindo-se como um dos elementos basilares da economia escravista brasileira, só há pouco tempo tem merecido a atenção que historiadores e economistas estamos obrigados a lhe votar<sup>(5)</sup>. O

(4) Sobre tais movimentos populacionais veja-se: MARCÍLIO, Maria Luíza. **A Cidade de São Paulo: Povoamento e População, 1750-1850**. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1973, il., (Biblioteca de Estudos Pioneiros), p. 97 e seguintes.

(5) Os trabalhos de Iraci del Nero da Costa, para Minas Gerais, e os de Maria Luíza Marcílio e Elizabeth Darwiche Rabello, para São Paulo, apontam nesta direção, mas prenderam-se à distribuição de cativos ao nível de fogos. Neste artigo, estabeleceremos a repartição dos cativos ao nível de seus proprietários; apenas operando deste modo — como fizeram Francisco Vidal Luna para Minas Gerais e Stuart B. Schwartz, para a Bahia — chega-se a identificar plenamente a estrutura de posse de escravos. Cf. COSTA, Iraci del Nero da. **Vila Rica: População. (1719-1826)**. IPE-USP, 1979, (Ensaio Econômico, 1); MARCÍLIO, Maria Luíza. **A Cidade de São Paulo: Povoamento e População, 1750-1850**. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1973, il., (Biblioteca de Estudos Brasileiros); da mesma autora **Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista, 1700-1836**. São Paulo, FFLCH-USP, 1974, mimeografado; RABELLO, Elizabeth Darwiche. **As Elites na Sociedade Paulista na Segunda Metade do Século XVIII**. São Paulo, Editora Comercial Safady 1980, 218 p; LUNA, Francisco Vidal. **Minas Gerais: Escravos e Senhores**. IPE-USP, 1981, (Ensaio Econômico, 8), 224 p. SCWARTZ, Stuart B. **Patterns of Slaveholding in the Americas: New Evidence from Brazil**. *American Historical Review*. Vol. 87, n. 1, fev. 1982, p. 55-86 (veja-se tradu-

TABELA 1  
DISTRIBUIÇÃO DOS FOGOS POR VILAS E PRESENÇA DE ESCRAVOS  
(1804)

Vilas	Fogos					
	Com Escravos		Sem Escravos		Total	
	N.º Absoluto	%	N.º Absoluto	%	N.º Absoluto	%
Campinas	159	28,1	407	71,9	566	100,0
Curitiba <sup>(a)</sup>	352	17,4	1666	82,6	2018	100,0
Guaratinguetá	269	25,1	801	74,9	1070	100,0
Iguape <sup>(b)</sup>	234	28,4	591	71,6	825	100,0
Itu	379	36,3	666	63,7	1045	100,0
Jacareí	135	13,9	836	86,1	971	100,0
Lorena <sup>(c)</sup>	316	26,7	868	73,3	1184	100,0
Mogi das Cruzes <sup>(d)</sup>	338	23,8	1083	76,2	1421	100,0
São Sebastião <sup>(e)</sup>	327	38,3	527	61,7	854	100,0
Sorocaba	286	19,8	1158	80,2	1444	100,0

Obs.: (a) Até 1853, o território paranense esteve vinculado ao de São Paulo;  
(b) Inclusive Xiririca;  
(c) Inclusive Areias;  
(d) Para a 4.ª Companhia, uma das quatro existentes em Mogi das Cruzes, os dados referem-se a 1805;  
(e) Os dados, para São Sebastião, referem-se a 1803.  
Estas observações são válidas para todas as evidências empíricas apresentadas neste trabalho.

seu conhecimento se nos afigura como indispensável para o entendimento mais largo e profundo da estrutura produtiva vigente no Brasil de inícios do século passado.

Consideramos as evidências empíricas concernentes aos seguintes núcleos: Campinas, Curitiba, Guaratinguetá, Iguape, Itu, Jacareí, Lorena, Mogi das Cruzes, São Sebas-

tião e Sorocaba<sup>(6)</sup>. Além da sua importância econômica este conjunto de localidades revela-se altamente significativo por dois outros aspectos. Em primeiro, por conter centros localizados nas distintas regiões representativas do espaço ecumênico e da economia paulista da época; em segundo, porque seus habitantes correspondiam a cerca de um terço da população então existente na capitania.

## 1 Senhores e Escravos: Visão de Conjunto

A observação da tabela 1 indica-nos, de imediato, que o grupo dos domicílios nos quais contavam-se cativos, embora minoritário, revelava-se altamente significativo. Em

... ção deste artigo neste número da REE). Com respeito à distribuição da riqueza e da terra na capitania, remetemos o leitor aos trabalhos exemplares de Alice Piffer Canabrava: "A repartição da terra na capitania de São Paulo, 1818". *Revista Estudos Econômicos*, IPE-USP, São Paulo, v. 2, n. 6, dez. 1972, p. 77-129, e "Uma economia de decadência: os níveis de riqueza na capitania de São Paulo, 1765/67". *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, FGV, 26 (4): 95-123, out/dez. 1972.

(6) Utilizamos como fontes primárias códiços do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (AE), *Maços de População*.

TABELA 2  
 PROPRIETÁRIOS E ESCRAVOS: DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO O SEXO

Vilas	N.º de Proprietários de Escravos	% de Proprietários do Sexo Masculino	N.º de Escravos	% de Escravos do Sexo Masculino
Campinas	165 *	87,3	1165	65,0
Curitiba	356	77,3	1797	48,0
Guaratinguetá	271	80,8	1560	54,4
Iguape	235	84,7	1069	51,2
Itu	380	78,4	3573	60,0
Jacareí	135	83,0	497	48,5
Lorena	321	82,9	1861	56,0
Mogi das Cruzes	341	79,8	1671	47,3
São Sebastião	330	80,9	2410	56,7
Sorocaba	287	77,4	1453	53,6

seis das dez localidades estudadas, as unidades domiciliares com escravos representavam mais de um quarto do número total de domicílios. Neste estudo, como avançado, consideraremos, tão-somente, os proprietários e sua respectiva escravaria. Não esgotaremos, portanto, a parcela economicamente ativa da população paulista de então, pois nos interessa, especificamente, revelar como se apresentava, à época, a posse de escravos.

Com respeito ao sexo dos proprietários firmou-se o largo predomínio dos homens, cujo peso relativo variou de 77,3% (Curitiba) a 87,3% (Campinas). Ademais, infere-se que não se observavam grandes discrepâncias na participação dos sexos quando considerados os dez núcleos estudados; neste sentido, pode-se afirmar que, para este conjunto, a distribuição dos proprietários segundo o sexo mostrou-se homogênea.

Para os cativos impõem-se duas conclusões básicas. Ressalta, em primeiro, o relativo equilíbrio entre os sexos, revelando-se apenas para dois casos divergências de grande monta: assim, tanto em Campinas como em Itu os homens representavam pouco menos de dois terços da massa escrava. Nos demais centros patenteava-se a harmonia acima referida, em três deles (Curitiba, Jacareí e Mogi das Cruzes) mostrou-se ligeira predominância das mulheres.

O segundo ponto a merecer realce refere-se ao fato de encontrarmos, em termos gerais, maiores porcentuais de homens escravos justamente em localidades nas quais se faziam presentes, em escala significativa, os engenhos de açúcar. É isto que se observava em Campinas, Guaratinguetá, Itu e São Sebastião (Cf. Tabela 2)(7).

A distribuição da massa escrava segundo grandes faixas etárias reafirma, em outra dimensão, as afirmações acima colocadas. Vale dizer: nas localidades em que havia contingente relativamente alto de senhores de engenho, observavam-se as maiores participações de escravos enquadrados na faixa correspondente à idade ativa (15 aos 64 anos). Como se verifica na Tabela 3, as participações mais elevadas davam-se em Itu (76,2%), Campinas (71,2%), Guaratinguetá (67,9%) e São Sebastião (65,9%). As participações mais modestas, por seu turno, ocorreram em núcleos nos quais a atividade açucareira praticamente inexistia: Iguape (56,2%) com um engenho e, sem engenho algum, Curitiba (54,9%) e Jacareí (57,6%).

(7) Como se infere da tabela 8, colocada adiante, dentre as localidades consideradas neste estudo, estas quatro distinguiam-se pela marcante presença de senhores de engenho.

TABELA 3  
ESTRUTURA ETÁRIA DA MASSA ESCRAVA  
(EM %)

Vilas	Faixas Etárias		
	0-14	15-64	65 e mais
Campinas	28,0	71,2	0,8
Curitiba	43,1	54,9	2,0
Guaratinguetá	29,9	67,9	2,2
Iguape	41,9	56,2	1,9
Itu(*)	21,5	76,2	1,6
Jacareí	39,8	57,6	2,6
Lorena(**)	35,0	62,8	1,2
Mogi das Cruzs	33,7	63,6	2,7
São Sebastião	32,5	65,9	1,6
Sorocaba	33,5	64,6	1,9

Obs.: ( \*) Para 0,7% dos escravos não constou a idade.

(\*\*) Para 1,0% dos escravos não constou a idade.

Ainda com respeito às grandes faixas etárias cabe notar o expressivo peso relativo das crianças (0 a 14 anos), o qual variou entre 21,5% (Itu) e 43,1% (Curitiba). Para a esmagadora maioria dos centros estudados a participação das crianças correspondeu a mais de um terço do número total de cativos, peso relativo este denotador de "população jovem"<sup>(8)</sup>.

## 2. Estrutura de Posse e Atividades Produtivas

Estabelecemos, neste tópico, as características básicas da estrutura de posse de cativos. Além de parâmetros concernentes ao conjunto de proprietários e respectivos escravos, consideramos os indicadores referentes aos distintos grupos de atividades econômicas em que se enquadravam os senhores de cativos.

Desde logo, coloca-se a marcante presença dos proprietários com reduzido número de

escravos. Assim, reunidas todas as localidades estudadas, verifica-se que mais de um quarto dos proprietários possuía apenas um cativo; com quantidade de escravos a variar de um a cinco contamos 1966 senhores, que correspondiam a 70% do total de proprietários. Correlatamente, os 42 detentores de avultada massa de escravos — 41 ou mais —, representavam, tão-somente, 1,5% do número total de senhores (Cf. Tabela 4). Um grande número de pequenos proprietários e uma reduzida quantidade de senhores com muitos escravos é a tônica, observável também, como veremos, nos centros onde compareciam os senhores de engenho entre os quais se encontravam os maiores proprietários.

A análise a nível mais desagregado permite o estabelecimento de novas conclusões. Assim, consideradas as várias localidades, verifica-se, de pronto, o significativo papel desempenhado pela atividade açucareira. Como esperado, nos centros em que a mesma se fazia presente, a participação dos senhores com 11 ou mais cativos era mais elevada do que nos demais núcleos. Não obstante, em todas as localidades marcava-se o predomínio maciço dos proprietários que detinham cinco ou menos cativos (Cf. Tabela 5).

As condições acima referidas vêm-se reafirmadas quando atentamos para o peso relativo de cativos possuídos pelas várias faixas de proprietários aqui identificadas. Assim, excetuando-se Lorena (onde, aliás, encontravam-se alguns engenhos), os maiores pesos relativos concernentes aos cativos possuídos por senhores com 41 e mais escravos ocorreram, justamente, nos centros açucareiros: mais de 25% em Itu e São Sebastião, 16,8% em Campinas e 10,4% em Guaratinguetá (Cf. Tabela 6).

Evidencia-se, ademais, a marcante presença dos pequenos proprietários (1 a 5 escravos), os quais detinham, em termos gerais, cerca de um quarto da massa cativa. Considerados, juntamente com estes, os proprietários de porte médio (6 a 20 cativos), ve-

(8) Sobre esta e outras questões referentes à estrutura populacional de São Paulo, veja-se os trabalhos de Maria Luíza Marcílio, citados na nota 5.

**POSSE DE ESCRAVOS EM SÃO PAULO**

rifica-se que a representatividade de sua massa escrava situava-se em torno de dois terços, ultrapassando, em alguns casos, quatro quintos.

A consideração dos dados inscritos na tabela 7 impõe, desde logo, a observação de que às lides agrícolas — dominantes na economia paulista de então — correspondia a grande maioria de proprietários e respectivos cativos. A tais fainas vinculavam-se cerca de três quartos dos senhores, os quais possuíam quatro quintos dos escravos. Como esperado, a pecuária apresentava-se com realce apenas em Curitiba: 19% dos proprietários (os quais detinham 35% dos cativos).

Os artesãos representam de 5 a 10% dos proprietários, com peso significativamente menor quanto aos escravos possuídos, de-

**TABELA 4**

**PROPRIETÁRIOS: DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO O NÚMERO DE ESCRAVOS POSSUÍDOS**

Número de Escravos	Proprietários	
	N.º	%
1	734	26,0
2	457	16,2
3	351	12,4
4	216	7,7
5	208	7,4
1 a 5	1966	69,7
6 a 10	453	16,1
11 a 20	256	9,0
21 a 40	104	3,7
41 a 60	26	0,9
61 a 80	14	0,5
81 a 100	2	0,1

Obs.: Os dois maiores proprietários que residiam, respectivamente, em São Sebastião e Itu, possuíam 84 e 100 cativos.

**TABELA 5**

**PROPRIETÁRIOS: DISTRIBUIÇÃO QUANTO AOS ESCRAVOS (Participação no Total de Proprietários)**

Vilas	N.º de Escravos Possuídos				
	1 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 40	41 e mais escravos
Campinas	66,8	15,2	9,6	6,0	2,4
Curitiba	70,5	19,7	6,6	2,9	0,3
Guaratinguetá	68,2	17,8	9,8	3,0	1,2
Iguape	72,7	17,1	8,8	1,4	0,0
Itu	60,1	13,2	12,2	10,0	4,5
Jacareí	79,2	15,6	4,5	0,7	0,0
Lorena	71,2	15,0	9,4	2,7	1,7
Mogi das Cruzes	72,5	17,6	8,4	1,0	0,5
São Sebastião	65,8	17,2	6,6	4,3	2,8
Sorocaba	76,7	11,8	8,3	2,4	0,8

Obs.: As porcentagens somam 100,00 no sentido horizontal.

vido ao fato de caber aos mesmos modestos números médios de cativos.

Ao comércio estavam adstritos de 2 a 12% dos senhores e de 1 a 11% dos cativos. Este último percentual foi verificado em Sorocaba, centro que se distinguiu pelo expressivo número de comerciantes.

Quanto às atividades genéricas, cabe realce àquelas relacionadas ao mar, evidentemente concentradas em Iguape e São Sebastião. Nesta última localidade, destacava-se o administrador da armação das baleias com 68 cativos.

Com respeito ao número médio de escravos possuídos, deve-se notar que os maio-

TABELA 6

PROPRIETÁRIOS: DISTRIBUIÇÃO QUANTO AOS ESCRAVOS  
(Participação no Total de Escravos)

Vilas	N.º de Escravos Possuídos				
	1 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 40	41 e mais escravos
Campinas	21,6	16,6	19,6	25,4	16,8
Curitiba	31,7	28,8	20,0	15,8	3,7
Guaratinguetá	26,8	23,1	25,2	14,5	10,4
Iguape	36,5	28,5	27,4	7,6	0,0
Itu	16,2	10,7	18,9	28,8	25,4
Jacareí	45,0	30,6	17,8		0,0
Lorena	28,5	20,6	24,9	13,5	12,5
Mogi das Cruzes	34,8	25,8	24,3	7,6	7,5
São Sebastião	21,7	17,6	19,5	15,9	25,3
Sorocaba	36,3	17,8	24,3	14,7	6,9

Obs.: As porcentagens somam 100,00 no sentido horizontal.

res valores correspondiam, via de regra, às atividades agrícolas; os senhores nelas arrolados detinham, em média, de 4 a 12 cativos. Para os artesãos, a cifra correspondente situou-se em torno de 2; quanto ao comércio tais números médios apresentaram variabilidade maior: de 1,8 a 6,4 man-cípios.

Com respeito aos eclesiásticos, militares e aos elementos da administração civil, cumpre notar que as médias de algumas localidades encontram-se afetadas pela ocorrência de um pequeno número de proprietários com muitos escravos.

O papel dominante das atividades agrícolas em geral e a relevância e especificidade dos senhores de engenho indicam a necessária partição das evidências aqui reportadas. Assim, consideraremos dois grandes grupos de proprietários: os senhores de engenho e os agricultores; entendidos estes últimos como os indivíduos arrolados, nos documentos, explicitamente como "agricultores" excluem-se, portanto, além dos senhores de engenho, os plantadores de cana de partido, os criadores etc.

As cifras da tabela 8 indicam o peso relativo dos dois grandes grupos na massa total de proprietários e escravos. Eviden-

cia-se, desde logo, que o conjunto dos agricultores não vinculados imediatamente à produção açucareira representava, mesmo nas localidades que se distinguiam pela presença de engenhos, parcela majoritária dos proprietários e detinha, relativamente, expressiva massa de cativos. Deve-se notar, ademais, para as localidades açucareiras, o elevado peso dos senhores de engenho no total de proprietários; alcançando mais que a quinta parte em Guaratinguetá e Itu.

Considerado o corte, acima explicitado, passemos à análise de alguns indicadores estatísticos referentes à estrutura da posse de escravos.

As médias de escravos por proprietário, correspondentes aos agricultores, apresentaram baixa dispersão e giraram em torno de 5,0 (Cf. tabela 9). Já para os senhores de engenho, o mesmo parâmetro apresentou valores significativamente superiores e mais dispersos, com extremos em Guaratinguetá (12,1) e Lorena (46,0); em Itu, localidade na qual computamos o maior número de senhores de engenho (84), a média observada foi de 24,8 escravos por proprietário.

TABELA 7

## PROPRIETÁRIOS: SEGUNDO O NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS E ATIVIDADES

Atividades	Campinas		Curitiba		Guaratinguetá		Iguape		Itu		Jacarei		Lorena		Moji das Cruzes		São Sebastião		Sorocaba	
	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos	Nº de Casos	Nº Méd. de Escravos
Agrícolas	129	8,3	246	5,4	183	6,8	161	4,9	255	12,1	100	4,0	255	6,4	281	5,4	258	7,9	212	5,1
Agricultores	98	4,2	176	3,9	118	4,4	160	4,8	151	5,9	99	4,0	252	5,9	280	5,4	255	5,1	200	4,3
Cana de partido	-	-	-	-	-	-	-	-	19	5,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Criar animais	-	-	70	8,2	2	7,0	-	-	1	2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	2	12,0
Engenho de aguardente	-	-	-	-	2	3,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	5,7	-	-
Senhor de engenho	31	21,2	-	-	57	12,1	1	20,0	84	24,8	-	-	3	46,0	-	-	27	32,1	10	19,4
Outras	-	-	-	-	4	1,7	-	-	-	-	1	1,0	-	-	1	1,0	3	2,6	-	-
Artesanais	6	1,3	23	2,4	32	2,0	24	3,5	33	2,0	8	2,4	20	2,1	24	1,9	31	2,0	14	1,9
Profissões Liberais	2	3,5	-	-	1	1,0	2	6,0	3	6,0	-	-	3	2,0	1	2,0	1	5,0	2	2,0
Eclesiásticos	3	2,7	3	2,3	7	5,4	5	2,2	20	8,0	1	1,0	7	2,7	3	8,0	6	16,7	6	3,2
Administração Civil	-	-	2	1,5	2	3,5	1	6,0	1	6,0	1	1,0	2	16,0	-	-	1	13,0	1	3,0
Militares	1	1,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	13,0
Comércio	6	2,3	30	5,1	13	4,8	19	2,8	15	3,8	16	3,0	14	2,5	9	1,8	11	6,0	27	6,4
Outros Serviços	3	2,0	10	3,1	1	3,0	-	-	4	2,3	2	2,0	5	5,4	1	3,0	-	-	-	-
Atividades Genéricas	9	3,8	17	2,6	26	4,2	16	6,3	45	3,6	6	3,5	10	4,3	14	3,5	16	6,5	22	5,5
Do jornal de seus escravos	-	-	-	-	8	4,2	1	1,0	25	3,9	-	-	2	5,5	9	4,0	-	-	3	16,0
Administração de impostos	1	9,0	3	6,2	2	12,0	1	6,0	-	-	1	8,0	1	16,0	1	7,0	2	1,5	1	39,0
Do seu jornal	-	-	4	1,2	-	-	-	-	13	2,4	-	-	-	-	-	-	1	1,0	5	1,6
Administrador da arrecadação das baletas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	68,0	-	-
Atividades do mar	-	-	-	-	8	9,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	3,2	-
Outras	8	3,1	10	2,1	16	3,1	6	3,5	7	4,4	5	2,6	7	2,3	4	1,5	8	2,4	13	1,9
Não Consta	6	2,5	25	6,2	6	5,8	7	1,9	4	2,0	1	2,0	5	5,2	8	1,9	6	3,3	2	5,5

TABELA 8

DISTRIBUIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS E ESCRAVOS POSSUÍDOS  
(Agricultores e Senhores de Engenho)

Vilas	Senhores de Engenho		Agricultores <sup>(a)</sup>	
	% Entre os Proprietários	% na Massa Total de Escravos	% Entre os Proprietários	% na Massa Total de Escravos
Campinas	18,8	56,5	59,4	35,5
Curitiba	—	—	49,4	38,3
Guaratinguetá	21,0	44,3	43,5	33,5
Iguape	0,4	1,9	68,1	72,1
Itu	22,1	58,4	39,7	25,1
Jacareí	—	—	73,3	80,5
Lorena	0,9	7,4	78,3	80,2
Mogi das Cruzes	—	—	82,1	90,7
São Sebastião	8,2	35,9	68,2	47,7
Sorocaba	3,5	13,4	69,7	59,7

Obs.: (a) Computados, apenas, os valores correspondentes aos indivíduos arrolados nos documentos como agricultores. Excluem-se, portanto, além dos senhores de engenho, os plantadores de cana de partido, os criadores etc. Esta observação também é válida para as tabelas 9, 10 e 11.

Embora os números médios de escravos por proprietário tenham sido, entre as localidades, menos discrepantes para os agricultores do que para os senhores de engenhos, é necessário ter presente que, tomada cada localidade de *per si*, a distribuição correspondente aos agricultores mostrava-se menos homogênea do que a concernente aos senhores de engenho; tal assertiva decorre, imediatamente, da observação dos valores assumidos pelo Índice de Gini. Isto significa que, ao contrário do que prevalecia entre os agricultores, no grupo dos senhores de engenho não ocorriam estratos marcantes, ou seja, que a riqueza pertencente a este segmento economicamente privilegiado distribuía-se mais harmoniosamente entre seus integrantes do que a pertencente ao conjunto de agricultores.

Outra sugestiva ilação decorrente do estudo da tabela 9 concerne às cifras referentes à moda. Tanto para os agricultores como para o total dos proprietários de cada localidade, a classe de maior frequência correspondeu aos senhores com um único cativo, fato que demonstra, expressivamen-

te, a importante presença dos pequenos proprietários na economia paulista de inícios do século passado. Este resultado amplia para nova área territorial as evidências já consignadas para Minas Gerais.<sup>(9)</sup>

Com respeito às quatro localidades nas quais se desenvolvia mais intensivamente a produção açucareira, impõem-se novas inferências. Guaratinguetá mostrou-se, comparativamente aos outros três núcleos (Campinas, Itu e São Sebastião), uma área de engenhos de menor porte, pois ali observou-se a média 12,1 e a moda 6, enquanto para as demais localidades em foco estes parâmetros alcançaram valores superiores a 21,0 — para a média — e a 11 — para a moda (Cf. tabela 9).

Tomadas estas quatro localidades, em conjunto, observa-se nitidamente a diferença com respeito à posse de escravos, entre agricultores e senhores de engenho. Entre os primeiros destacavam-se os detentores

(9) Cf. LUNA, Francisco Vidal. *op. cit.*

POSSE DE ESCRAVOS EM SÃO PAULO

TABELA 9

INDICADORES ESTATÍSTICOS REFERENTES À POSSE DE ESCRAVOS

Vias	Agricultores <sup>(a)</sup>			Senhores de Engenho			Total <sup>(b)</sup>		
	Média	Moda	Gini	Média	Moda	Gini	Média	Moda	Gini
Campinas	4,2	1	0,48	21,2	15	0,35	7,1	1	0,59
Curitiba	3,9	1	0,44	—	—	—	5,0	1	0,53
Guaratinguetá	4,4	1	0,53	12,1	6	0,47	5,8	1	0,55
Iguape	4,8	1	0,47	20,0 <sup>(c)</sup>	—	—	4,5	1	0,49
Itu	5,9	1	0,52	24,8	11	0,36	9,4	1	0,59
Jacareí	4,0	1	0,49	—	—	—	3,7	1	0,48
Lorena	5,9	1	0,54	46,0 <sup>(d)</sup>	—	—	5,8	1	0,56
Mogi das Cruzes	5,4	1	0,51	—	—	—	4,9	1	0,51
São Sebastião	5,1	2	0,46	32,1	15	0,37	7,3	1	0,60
Sorocaba	4,3	1	0,50	19,4	5	0,33	5,1	1	0,54

Obs.: (a) Vide observação da tabela 8.

(b) Considerados além dos agricultores e senhores de engenho os demais proprietários de escravos.

(c) Apenas uma observação.

(d) Tão-somente, três observações.

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS E ESCRAVOS POSSUÍDOS PARA AS VILAS DE CAMPINAS, GUARATINGUETÁ, ITU E SÃO SEBASTIÃO (Agricultores e Senhores de Engenho)

N.º de Escravos Possuídos	Senhores de Engenho			Agricultores <sup>(a)</sup>		
	N.º de Casos	% Entre os Senhores (b)	% Em Relação aos Escravos Possuídos (b)	N.º de Casos	% Entre os Senhores (b)	% Em Relação aos Escravos Possuídos (b)
1	2	1,00	0,05	141	23,81	4,73
2	5	2,51	0,23	103	17,40	6,90
3	7	3,52	0,49	77	13,01	7,74
4	7	3,52	0,65	53	8,95	7,10
5	8	4,02	0,93	51	8,62	8,55
1 a 5	29	14,57	2,35	425	71,79	35,02
6 a 10	28	14,07	5,09	103	17,40	25,50
11 a 20	60	30,16	20,93	48	8,11	23,46
21 a 40	53	26,63	33,42	15	2,53	14,31
41 a 60	19	9,55	21,37	1	0,17	1,71
61 a 80	8	4,02	12,56	—	—	—
81 a 100	2	1,00	4,28	—	—	—

Obs.: (a) Vide observação da tabela 8.

(b) Os percentuais somam 100,00 na vertical.

de 5 ou menos escravos; representavam eles 71,79% dos proprietários e possuíam 35,02% dos cativos pertencentes ao respectivo segmento. Já para os senhores de engenho, os indivíduos com mais de 40 escravos perfaziam 14,57% do grupo e detinham 38,2% dos cativos de propriedade do mesmo.

É este, pois, o panorama oferecido pelo estudo da estrutura da posse de escravos em São Paulo no início do século passado. Marcam-no, além das particularidades concernentes aos senhores de engenho, o grande número de pequenos proprietários de escravos e a expressiva massa de cativos possuídos pelos mesmos.